

O HOMEM E O TRABALHO

Mário Freire

*Doutorando em Ciências da Informação,
Mestre em Educação e Desenvolvimento Humano, Psicoterapeuta,
Consultor em Desenvolvimento Gerencial e Organizacional.
Diretor da Pegasus Desenvolvimento e Consultoria Ltda.*

A repercussão do trabalho no processo de desenvolvimento do ser humano determinou a criação da sua cultura e sua busca do sucesso e felicidade. Desde os seus primeiros atos (segundo Freud em “O Mal Estar na Civilização”, a utilização de instrumentos, a obtenção do controle sobre o fogo e a construção de habitações), o homem encontrou nesse conjunto (atividades) maneiras para melhor utilizar a terra e se proteger.

Nossa intenção é verificar o caminho que o Ser humano trilhou nessa busca, assim como, registrar observações sobre o que estamos vivenciando hoje no mundo das organizações, visando alertar e ampliar nossa visão sobre a influência do trabalho na qualidade de vida e no processo de evolução da nossa civilização.

O trabalho na nossa sociedade atual é considerado como fonte de poder, sucesso, riqueza e felicidade; sendo, portanto, o responsável pela existência, sobrevivência e evolução dos indivíduos e da sociedade. Determinando as relações políticas, sociais e econômicas, preenchendo o campo moral e religioso, tornando a condição humana atrelada a si de maneira indissociável.

Tal concepção sobre o trabalho, é recente, se contarmos o tempo que temos de registro da presença do Ser humano na terra; esse posicionamento atinge seu apogeu no séc. XIX, com o homem assumindo uma dimensão de senhor da natureza, apoiado por princípios materialistas positivos. Porém, o seu início está ligado a derrocada do Império Romano, por volta do séc. III, quando a sociedade vê o culto do corpo e do prazer, conduzir a um estado de pecados, dor, doenças, miséria, fome, crimes e morte. Tal cenário de epidemias e decadência favoreceu a ascensão do cristianismo que conduzia a valores espirituais, que positivava o sofrimento, a fome e a doença como elementos de salvação. No séc. IV, com os primeiros cristãos instalados nos desertos, onde era possível viver

longe das tentações da vida mundana das cidades, o cristianismo passa a ser considerado a religião oficial do Império Romano.

Com desertos cheios de praticantes do ascetismo (moral fundada no desprezo do corpo e das sensações físicas - contemplativo, devoto, místico; que tem relação com a vida espiritual) Pacônio, mais tarde São Pacônio, ergue o mosteiro, instituindo a vida monástica e impondo a disciplina como base do aprendizado, da obediência e da humildade. Contudo, por mais severos que fossem os exercícios, não eram o bastante para eliminar a lembrança dos prazeres da carne. Para tanto foi instituído o trabalho (dispêndio de energia), para se conseguir a exaustão e portanto eliminar qualquer desejo e força do corpo, possibilitando o domínio completo do espírito sobre a carne.

Com isso, surge o trabalho como um grande número de atividades, a serem desenvolvidas em espaço próprio e num período de tempo, instituindo-se e agrupando profissões (monges sapateiros, tecelões, marceneiros, serralheiros, etc.). Dessa forma, a disciplina, a obediência, a humildade, as atividades agrupadas, o local determinado, a profissão qualificada e principalmente a nova dimensão de tempo, instrumento para dar as horas intervalos determinados, faz do trabalho uma quantidade de medida num certo número de horas, disciplinando as ações do homem.

Com o sucesso, dessa forma de disciplina, o soar dos sinos vai trazendo uma regularidade à vida das cidades, estabelecidas nas vizinhanças dos mosteiros, e, os monges passam a acreditar que a sua missão é retornar e oferecer aos pecadores urbanos um caminho para a salvação.

A desintegração do Império Romano cria o cenário adequado, pois o período de terror e violência, devido às invasões bárbaras, após o séc. VI, faz a vida nas cidades descer a um nível de subsistência, onde a necessidade de proteção passa a ocupar um lugar de destaque diante das outras preocupações.

Com a construção de muralhas, as cidades se tornavam fortalezas, atraindo gente de diferentes origens, para essas ilhas de segurança. Formava-se uma comunidade cujo sentimento de pertencimento comum era o de viver uma vida cristã, cujo propósito maior não era o de comercialização e sim o de cultuar e glorificar a Deus, mas ao mesmo tempo, o trabalho passa a ter um enfoque de produção, visando promover a reconstrução das cidades.

A vida nas comunidades medievais passa a ser dirigida pela igreja, que valoriza o trabalho e o preconiza como salvação. Assim homens livres passam a trabalhar e a se agruparem por profissão, transpondo as práticas da vida monástica para o dia-a-dia urbano. Passam também, a produzir através de técnicas, destinadas a eliminar o trabalho desnecessário, visando ampliar o tempo de estudo, meditação e oração, com a utilização de mecânica; outrossim, passam a criar instituições e edifícios, cuja finalidade é de acolher doentes e enfeitados.

Com tudo isso, não é difícil imaginar que o poder da igreja estava em expansão. Porém, ao considerar o trabalho, a mecanização e a disciplina como fins para a glorificação de Deus, conduziu a vida medieval para um período de grande prosperidade, o que determinou, também, a sua queda, pois com o acúmulo de riquezas surge uma nova classe social - os burgueses - que pouco a pouco sobrepujaram as exigências de eternidade cristã, substituindo a fé pelo crédito, os sistemas de proteção pela livre circulação de dinheiro.

A máquina capitalista precisava de um poder menos fixo e estático, por outro lado, a fé e os dogmas eram obstáculos para a expansão do comércio e da indústria, assim como, para a realização dos ideais da classe burguesa. Longe de ter sido brusco, esse processo, foi gradativo e teve seu marco na revolução Francesa, porém só no séc. XIX é que o trabalho deixa de ser uma finalidade extra-humana, não possuindo mais qualquer propósito de culto, nem tampouco de salvação, deixa de ser meio para alguma coisa e torna-se ligado irremediavelmente ao homem, como se fizesse parte da própria natureza humana.

Assim, “o homem torna-se agora senhor da natureza, fundamento da moral, base de uma nova sociedade autorizada pela razão e construída sobre princípios materialistas positivos. Trata-se de um imenso giro de caleidoscópio, trazendo consigo uma configuração totalmente diversa das ações humanas: o que anteriormente servia para a glorificação de Deus, encontra agora no próprio homem o seu propósito” (*Josaida Gondar - O Trabalho como Objeto Histórico*); agora sem Deus, o homem segue seu caminho atrelado ao trabalho, numa relação de dependência passiva cada vez maior, seja ressaltando e defendendo as igualdades, seja privilegiando e otimizando as diferenças.

Estamos no final do séc. XX, e o progresso da civilização está alcançando índices inimagináveis até para o próprio homem, e a cada dia a tecnologia torna mais verdadeira a afirmação de Freud, que “ O homem, por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de Prótese””, contudo “O homem não se sente feliz em seu papel de semelhante de Deus”, pois o trabalho, assim como está sendo encarado pela maioria dos seres humanos, ao invés de libertar e promover a satisfação entre os indivíduos, aprisionou e cerceou a capacidade criativa e de sentir prazer do homem.

A concepção de trabalho no nosso mundo, utiliza uma herança dos métodos monásticos para subjugar e ampliar a exploração do homem pelo homem. No afã de maiores lucros, o próprio ser humano, criou e especializou instrumentos e práticas que conduziram a esse estado lamentável de dominação, que as próprias organizações, hoje já começam a reconhecer como o seu verdadeiro mal, e se não for superado, determinará a sua própria morte.

O processo de dominação pelo trabalho utilizou, e ainda utiliza a exaustão física e mental para controlar o homem, atualmente com os artefatos mecânicos, eletrônicos e computadorizados, os robôs estão fazendo o processo físico nas empresas modernas, e com o mundo em constantes mutações, estão exigindo trabalhadores que não estejam invadidos pela dominação psicológica, imposta pelas próprias organizações, através dos mecanismos utilizados.

O processo de resgate do ser humano sofrido, século após século, primeiro em nome de Deus, depois em nome do próprio homem, não será fácil, nem simples, mas essencial para a sua sobrevivência e sua busca constante de felicidade. Encontramos hoje alguns indícios nesse sentido, pois estamos presenciando em algumas organizações, as seguintes medidas:

1ª. Sensação de Eternidade - O movimento de declarar o homem ligado eternamente a uma organização, está sendo substituído por processos de terceirização, onde o vínculo é perfeitamente solúvel. Bem verdade que poucos estão preparados para esse processo, porque até bem pouco tempo, quem possuía um currículo onde figurasse diversas empresas, era encarado como instável. O que era visto como orgulho, era aquele indivíduo que se apresentava na empresa que o admitiu quando jovem e, na qual, através de um processo árduo, conseguiu fazer carreira. Hoje essas pessoas que assim fizeram, em sua grande maioria, encontram-se vazias e não conseguem se desvincular do trabalho, pois apesar de aposentadas, continuam a viver psicologicamente ligadas à organização na qual prestaram serviço durante os anos dourados da sua vida. Como se, seus pensamentos e ações estejam ainda comandados pelos sucessos ou fracassos que tiveram naqueles períodos. Ao se aposentarem, muitas fazem pedidos como: continuar a ir ao local de trabalho, receber o uniforme, fazer as refeições no restaurante da empresa etc.

2ª. Amor à Empresa - A necessidade de amar como se o empregado e a empresa fossem um só, fazendo com que o indivíduo abrisse mão do seu “eu “ para ser a “organização”, já que não é mais assim exigido. Permite-se que os empregados possam abertamente lutar por seus direitos, recorrendo a justiça, sindicatos e até mesmo processos internos de relações no trabalho, que incentivam aos empregados a lutarem por seus interesses. Hoje, empresas declaram abertamente sua intenção de lucro, permitindo aos empregados

perceberem a realidade do jogo de interesses entre o capital e o trabalho. Essa prática esbarra em dificuldades, como o desconhecimento dos direitos, não saber identificar e expressar o que realmente quer e medo de ser um artifício que dispare, logo em seguida, uma caça às bruxas na organização. O mais comum é o indivíduo acreditar na organização, que tanto ama, está fazendo tudo o que é possível por ele, e se não faz mais é porque não pode. É comum encontrarmos pessoas capazes, de ir de encontro aos seus princípios de honestidade, sonhando informações ou fazendo declarações falsas com muita naturalidade, como se com eles, não pudesse acontecer o que aconteceu com o ex-colega.

3ª. Promessa de Felicidade - A empresa que promete cuidar do empregado, para que ele não sofra e tenha prazer constante, está se transformando em empresa que apoia, incentiva, mas não faz por seus empregados. É verdade, que o processo apenas está iniciando, pois as instituições ainda são paternalistas. Para aqueles que fazem o que se manda, ainda existe uma superproteção, que cria uma ilusão no trabalhador, que a empresa poderá evitar todas as suas dores (médicos, assistentes sociais, psicólogos), colocando sua infraestrutura ou influência a sua disposição para evitar todo o seu sofrimento. Se o empregado for realmente “bonzinho” receberá aumentos e destaques, que proporcionarão intensos sentimentos de prazer.

Na atualidade vemos organizações que estão estabelecendo um sistema cada vez mais justo de troca, onde cada um precisa efetuar sua parte na conquista do prazer e na superação do sofrimento. Porém, a maioria possui um sistema de benefícios, e por isto julga-se com o direito de dizer o que o empregado precisa comer, onde se divertir, em qual hospital ou creche deverá levar seus familiares, sem falar na roupa que deve usar, como se proteger e quando deverá casar. “Sendo preciso divorciar-se, estou a sua disposição”..., se você trabalhar aqui, terá tudo... principalmente se fizer um belo

trabalho... viajará, se hospedará em luxuosos hotéis e terá um computador último modelo, só para você usar... enquanto você for útil e obedecer nossas regras e for civilizado..., então poderá até mandar em algumas pessoas”.

Essas são algumas trilhas que as organizações estão percorrendo. Outras posições como horários flexíveis; definição da própria tarefa; local não determinado para a execução das atividades; trabalhos em grupos, não de especialistas; mas com diversas formações; vivenciando papéis diferenciados e marcados pela situação; e, a instituição de processo de rede para decidir e solucionar problemas, entre outras medidas, faz-nos acreditar que o séc. XXI terá seu início marcado por profundas transformações na relação do homem com o trabalho, e que talvez, estejamos aprendendo a vivenciar momentos de prazer com a atuação profissional, mas sem que precisemos nos anular por ela ou por qualquer outra coisa.

Nossa crença é que o homem possa não mais querer o controle da natureza e sim o convívio frutífero com ela, aprendendo a conviver com a incerteza e se renovando a cada instante, sem se deixar abater ou intimidar diante dos desafios da morte ou da vida...